

POEMA: UM CHAMAMENTO AO ENCONTRO

Misleine Andrade Ferreira Peel (UFT)

misandrade22@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

O escopo deste texto é a experimentação poética, o chamamento aos amigos e a fluência rizomática. Trata-se de um experimento feito no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, na disciplina de Tópicos Especiais: Língua, Território e Histórias, no ano de 2017. O referencial teórico deste trabalho tem como rizomas as teorias de Deleuze e Guattari, as divagações poético-filosóficas de Nietzsche e poemas de Manuel de Barros; sendo que o *corpus* se constituiu a partir de poemas de Hilda Hilst, mais especificamente do livro *Júbilo, Memória, Noviciado das Paixões*. A partir do conjunto desses textos, os poemas são compreendidos como rizomas, como linhas fluentes entre corpos e afetos, entre agenciamentos e devires.

Palavras-chave:

Poética. Rizomas. Literatura Brasileira. Filosofia da Linguagem.

1. Introdução

Poemas são rizomas; estrofes são, também, rizomas; e versos são, igualmente, rizomas. São linhas, cores, hachuras e túberos resultantes de agenciamentos, de corpos que se encontram, de multiplicações de afetos e de gozos – de perceptos e de sensações.

Rizomas, por sua vez, são infinitos interiores, são encontros no labirinto, ficando abaixo da superfície, realizando trocas indistinguíveis e permitindo múltiplos processos de troca com o seu ambiente (KLUGE; VOGL, 2012). Os rizomas buscam ainda afetos, sendo, na complexidade cultural contemporânea, fluências entre corpos e devires; servindo para destacar e elevar as sensações.

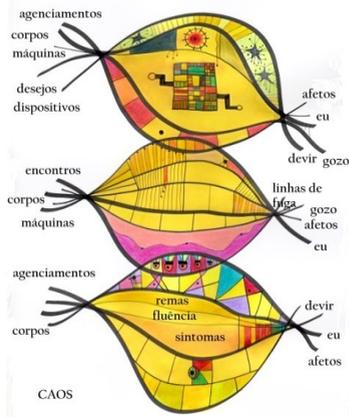
Rizomas são, de fato, linhas que se cruzam sem pontos determinados, constituindo-se como modelos de resistência, tanto ética, quanto estética e ainda política. O rizoma se esconde para confundir e para cortar caminhos; o rizoma constitui, ainda, uma retícula, ou reticulação, segundo Simondon, que apresenta pontos que se ligam ao acaso, ou intencionalmente, e que constituem a fluência entre os corpos.

2. Ecos de afetos

Deleuze comunga com Nietzscheos ecos dos afetos rizomáticos, os ecos das alegrias do fluir sensitivo ou dionisíaco; essas vozes que pedem a abreviação da “compressibilidade conceitual da existência” (NIETZSCHE, GC § 370), gritos que valorizam a experimentação, e, na forma da transfiguração, permitem a fuga das codificações.

A experimentação é muito mais válida do que a interpretação: “experimentem, nunca interpretem”, pediu Deleuze (2003, p. 61); sendo a experimentação concebida como imanência; e a interpretação, como transcendência. Ora, a experimentação precisa de agenciamentos para o surgimento dos rizomas; precisa, ainda, de encontros; precisa, verdadeiramente, de olhares (dos olhares das novidades, dos olhares das criações); precisa, também, dos desejos; carece, em verdade, de dispositivos.

E o que seria o dispositivo? Deleuze, comentando Foucault, afirma que dispositivo, “em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear” (1990, p. 155). Os dispositivos, dessa forma, compõem os agenciamentos, os desejos, os corpos, sendo compostos por linhas de natureza diferente, não abarcando nem delimitando sistemas homogêneos.



O desenho experimenta a textualidade maquínica dos desejos e dos agenciamentos que produzem a fluência sígnica; destarte, os agenciamentos, os corpos, as máquinas, os desejos e os dispositivos compõem

as linhas responsáveis pelo desabrochar dos signos (encontradas à esquerda do desenho), das fluências e dos remas. Para Deleuze e Guattari, é a partir dessas linhas que surgem os rizomas, sendo que os dispositivos são as linhas iniciais de cada desejo, de cada agenciamento e de cada corpo.

É a partir das linhas que surgem os signos, com suas fluências, atualizando virtualidades como singularizações ou individuações de acontecimentos, como diferenciações produzidas na passagem do virtual para suas atualizações.

Estes versos de Hilda Hilst, tirados do *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*, ajudar-nos-ão a vivenciar a necessidade do encontro:

Se te pareço noturna e imperfeita
Olha-me de novo. Porque esta noite
Olhei-me a mim, como se tu me olhasses.
E era como se a água
Desejasse.

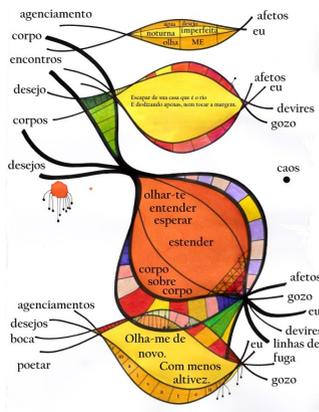
Escapar de sua casa que é o rio
E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há tanto tempo.
Entendo que sou terra. Há tanto tempo
Espero
Que o teu corpo de água mais fraterno
Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez.
E mais atento.

O olhar da poetiza, seus desejos, suas escapadas, seus deslizamentos, seus toques, seus entendimentos, suas esperas e suas outras ações são acontecimentos que confluem pedindo o encontro; são, na realidade, dispositivos que se transformaram em signos – sintomas do querer.

Então, a partir de dispositivos e agenciamentos, o corpo poético cria contornos, brota em desejos, criando rizomas e, a partir daí, afetos, linhas de fuga, gozos e contatos com o caos.



E sintomas do querer e do gostar fluem de modo lírico, escapando de sua casa, o rio, e deslizando sem tocar a margem – pura fluência erótica, sempre sígnica, sempre semiótica. E afetos, e gozos, e devires, e outras linhas fluem igualmente como fugas.

O texto poético se transfigura assim como opção para o devir estético, como música dionisíaca, como cor cheia de hachuras, cheia de nuances e de matizes da paixão.

Em sua *Lógica da Sensação*, Deleuze, a partir do estudo das obras de Francis Bacon, relaciona as figuras do pintor com a imagem háptica, já que ambas têm em comum o enfoque no corpo humano como totalidade não exclusivamente racional; o filósofo afirma, também a partir das pinturas, que a lógica da sensação reconduz a arte ao domínio do sentir. Ora, o poema de Hilst também aspira ao háptico, já que busca sensações outras que não somente o olhar, já que aspira ao toque, ao deslizar, à fluência dos corpos.

O háptico experimenta, ainda, a construção de novos espaços como prolongamentos do corpo humano e dos sentidos; e é isso que a poesia almeja como literatura – a criação de novos tempos e novos espaços do sentir; espaços que permitam o “despraticar as normas”, o “olhar de azul” e o “chegar ao criangamento das palavras”, conforme estes excertos de Manuel de Barros:

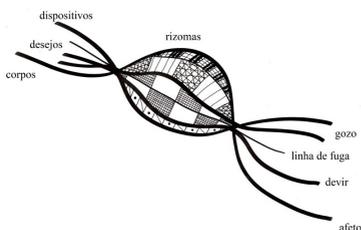
Eu tive uma namorada que via erado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira da garça. Ela despraticava as normas. [...] Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou a ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Por que viver não tem lógica – como diria Lispector. (2008, p. 121)

As coisas não querem mais ser vistas por
pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
que nem uma criança que você olha de ave. (1993)

Carrego meus primórdios num andor.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancimento das palavras. (2006, p. 47)

Poemas permitem que cheguemos ao começo, ao início do fluir semiótico; poemas são, quando poemas, multiplicidades híbridas da música, da pintura e da literatura (poemas trazem a fluência desterritorializante das palavras – o seu começo e o seu criancimento).

O próximo desenho ilustra sem as cores, mas através das hachuras, a fluência dos remas, o escorregar dos signos, o fluir dos rizomas poéticos. Rizomas que se querem, ao mesmo tempo, letra, música e texturas.



3. *Considerações finais*

Os signos são realmente fluências entre corpos e afetos, deslizando sempre, a partir de dispositivos e de máquinas sociais, na direção do eu, do devir e do gozo. Os signos poéticos são cores, tons e melodias, que deslizam também do caos, permitindo que sensações sejam criadas.

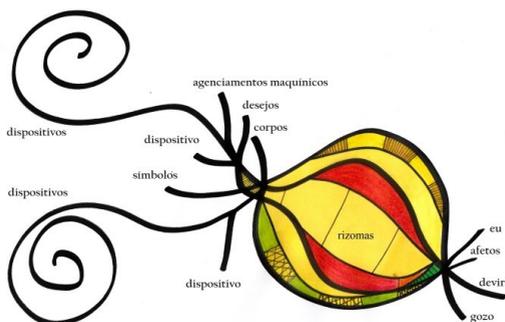
E, do caos, os poemas permitem a recuperação da memória, do corpo e do espaço, que foram aniquilados por meio do tempo, por meio de uma instantaneidade esvaziada e hipnótica (CANTON, 2009). Recuperemos, então, o corpo; mas o CsO (corpo sem órgãos), de Deleuze e Guattari.

Retornemos, pois, ao corpo sem órgãos, ao corpo do bebê, enquanto bebê, pois, ao se individualizar, o sujeito passa a ser um todo orgânico: “ao crescer, ao se diferenciar dele mesmo, o bebê cai necessariamente fora do plano de imanência, pois ele não é mais vida: ele agora pertence à vida” (LECLERQ, 2002, p. 19-29); sendo assim, é preciso que, criativamente, consigamos de alguma forma um contato, mínimo que seja, com o plano de imanência (com o corpo sem órgãos). Para daí, criarmos cientificamente funções; artisticamente, perceptos e afetos; e, filosoficamente, conceitos.

Os bebês são o devir, e isso fica claro com estas palavras de Deleuze:

Os recém-nascidos são todos parecidos e não têm nenhuma individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos que não são características subjetivas. Os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude. (DELEUZE, 1997a, p. 3-7)

Com um último diagrama, nós desejamos que o leitor perceba a importância do rizoma, como a oportunidade de vivenciar linhas flexíveis – segmentaridades moles, e a necessidade dos afetos, dos gozos e dos devires, como linhas de fuga responsáveis pela criação; pois somente o ser que cria alcança singularidades e beatitudes.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, M. *Memórias Inventadas: a Segunda Infância*. São Paulo: Planeta, 2008.
- BARROS, M. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- CANTON, K. *Tempo e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DELEUZE, G. A imanência: uma vida. In *Philosophie*, n. 47, 1997a.
- _____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *Logique de la Sensation*. Paris: Seuil, 2002.
- _____. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, p. 155-161, 1990.
- _____; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Volume I, II, III, VI e V. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997b.
- HILST, Hilda. *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. São Paulo: Globo, 2003.
- KLUGE, A.; VOGL, J. *O que é um rizoma?* Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2k-wWziPk-g>.
- LECLERQ, S. Deleuze e os Bebês. In *Educação e Realidade*, p. 19-29. Jul/Dez. 2002.
- NIETZSCHE, F. *Kritische Studienausgabe*. Berlin: Walter de Gruyter, 1980.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 2008.